



BONNEFOY, Yves. *Le Siècle de Baudelaire*.  
Paris: Éditions du Seuil, 2014.

---

Eduardo Horta Nassif Veras<sup>1</sup>  
*Campinas*

O século XIX é o século de Baudelaire. É em torno dessa afirmação ambivalente que gira a maioria dos textos reunidos por Yves Bonnefoy em *Le siècle de Baudelaire*, publicado pelas Éditions du Seuil em outubro de 2014. O livro é composto por prefácios, artigos e comunicações escritos pelo poeta, crítico e professor francês, entre 1988 e 2014, sobre poetas como Mallarmé, Valéry, Laforgue e Hofmannsthal, além, claro, de Baudelaire, e temas recorrentes em sua produção crítica, como as relações entre a poesia e as outras artes, especialmente a pintura e a música. Apesar da diversidade de gêneros e de apenas 3 dos 10 textos selecionados terem a obra de Baudelaire como objeto principal de estudo, a reunião dos trabalhos em livro apresenta um fio condutor bastante claro: a tese de que haveria um hiato entre a obra de Baudelaire, inseparável de seu contexto oitocentista, e o desenvolvimento posterior da poesia moderna, que teria em Mallarmé sua verdadeira inspiração. Do ponto de

---

<sup>1</sup> eduardohnveras@yahoo.fr

---

vista dos estudos baudelairianos, Bonnefoy se junta aos críticos que propõem atualmente uma revisão das relações de Baudelaire com a modernidade e defendem a “irreducibilidade” de sua obra às narrativas ortodoxas da tradição da poesia moderna.<sup>2</sup> Já do ponto de vista dos estudos da poesia moderna em geral, Bonnefoy contribui para o questionamento da narrativa tradicional que elege, geralmente, a tríade francesa Baudelaire-Rimbaud-Mallarmé como o ponto de partida da maioria das poéticas do século XX. (FRIEDRICH, 1978) Seu objetivo é mostrar que Baudelaire não contribui tão diretamente para a gênese da poesia novecentista como normalmente se afirma. Para Bonnefoy, a poesia do século XX associa-se principalmente ao fenômeno do autocentramento da linguagem poética, da recusa progressiva da referência, da quebra da relação da poesia com o mundo exterior. Nesse sentido, o século das vanguardas estaria muito mais sob o signo de Mallarmé, que, segundo a leitura de Bonnefoy, se oporia a Baudelaire por estar muito mais próximo do formalismo, da pura ficção da linguagem, da mera “placa giratória de conceitos”<sup>3</sup> (BONNEFOY, 2014, p. 16), conforme algumas definições que o livro apresenta da poesia que predominou no século XX.

Bonnefoy opõe explicitamente as poéticas de Baudelaire e Mallarmé em pelo menos quatro ensaios: “Le siècle de Baudelaire”, que abre o livro e funciona como elemento unificador de todos os outros textos; “Apparements et filiations”, dedicado ao estudo das relações entre a palavra e a imagem; além de “Le secret de la pénultième” e “Mallarmé et le musicien”, que se debruçam sobre a poética do autor de *Um lance de dados*. Uma interpretação mais óbvia nos levaria a pensar que a principal intenção de Bonnefoy é quebrar a linha teleológica que, segundo as narrativas ortodoxas da modernidade poética, ligaria de maneira direta a obra de Baudelaire às vanguardas poéticas do século XX.<sup>4</sup> Contudo, não se pode negligenciar o fato de que há também – e talvez sobretudo – um poeta – e dos mais importantes do século XX – sob a máscara do crítico e acadêmico que escreve aquelas linhas.

A afirmação enunciada no título do livro também pode ser lida de outra maneira. Se, por um lado, o século XIX foi profundamente marcado pelo espírito baudelairiano, por outro não é menos correto afirmar que a poesia de Baudelaire também foi profundamente marcada por algumas das principais questões do século XIX. A íntima relação do autor das *Flores do mal* com o seu

---

<sup>2</sup> Confira, por exemplo, o último livro de Antoine Compagnon, *Baudelaire l'irréductible*, lançado quase ao mesmo tempo que o livro de Bonnefoy, também em outubro de 2014.

<sup>3</sup> Todas as traduções utilizadas neste trabalho são de minha autoria.

<sup>4</sup> Sobre a crítica das narrativas ortodoxas, confira outro livro de Compagnon, *Les Cinq paradoxes de la modernité*. Apesar da distância que separa alguns de seus principais argumentos, é possível afirmar que Bonnefoy e Compagnon se aproximam na tentativa de desconstrução da leitura vanguardista ou modernizante de Baudelaire que se estabeleceu na crítica e na historiografia literárias ao longo do século XX.

---

século foi um dos temas de predileção de Walter Benjamin (2006, p. 366), para quem “Baudelaire está incrustado no século XIX” como uma pedra e deve ser lido em cotejo com os principais fatos históricos da época: avanço do capitalismo industrial, propagação da lógica da mercadoria, surgimento das grandes metrópoles etc. Diferentemente do filósofo alemão, Bonnefoy está mais preocupado com a repercussão de um fenômeno cultural específico da época sobre o futuro da poesia. Para ele, o século XIX é, antes de tudo, o século da “banalização da descrença” e de profundas transformações na relação dos homens – e dos poetas – com a transcendência. (BONNEFOY, 2014, p. 9)

Se, por um lado, Bonnefoy (2014, p. 12) reconhece em Baudelaire o descobridor do “pleno da poesia”, isto é, da poesia “em sua diferença” em relação à religião que se retira, por outro ele não hesita em ressaltar que o autor das *Flores do mal* persegue em sua obra uma espécie de reconciliação entre a finitude e o ser, entre a descoberta do vazio e a busca pelo sentido ou da “presença”. (BONNEFOY, 2014, p. 13) Partindo dessas constatações, Bonnefoy revê criticamente alguns dos principais tópicos da obra e da crítica baudelairianas, como a alegoria, o belo, o sonho e a imagem, aos quais ele sempre opõe o vigor crítico e ético também presente na obra de Baudelaire. Na linha de críticos como Edward Kaplan (2015),<sup>5</sup> a quem influenciou diretamente, Bonnefoy propõe uma leitura da poesia de Baudelaire a partir da tensão entre o sonho e a ironia, entre a experiência estética e o distanciamento crítico, traçando uma espécie de movimento oscilatório que se opõe a leituras modernizantes e lineares focadas em procedimentos como a despersonalização (FRIEDRICH, 1978), a pureza (Paul Valéry) ou a desfiguração da linguagem poética (Barbara Johnson).

Mas a defesa de um Baudelaire mais preocupado com a “preservação” (BONNEFOY, 2014, p. 10) do sentido, mais interessado na recuperação do ser em plena era da “banalização da crença” que na afirmação do esvaziamento definitivo da linguagem ultrapassa os limites da crítica e da história literárias. Trata-se muito mais, a meu ver, de um problema poético, ou melhor, do círculo de interesse dos próprios poetas. Um problema que ultrapassa também os limites do “século de Baudelaire” e até mesmo do tempo das vanguardas, para se instalar bem no centro das disputas entre literalistas e neolíricos que animam o panorama da poesia contemporânea na França. Defensor do retorno moderado a um certo lirismo e de uma poesia que conserva suas pretensões ontológicas, Yves Bonnefoy revista Baudelaire como crítico literário que é, mas sem jamais se desconectar das principais questões que o preocupam também como um dos maiores poetas contemporâneos da França. É preciso destacar que rever criticamente as relações de Baudelaire com o século XX significa, em última instância, para poetas-críticos como Bonnefoy, rever a própria narrativa

---

<sup>5</sup> Kaplan dedicou seu principal livro sobre Baudelaire a Yves Bonnefoy.

---

oficial da poesia moderna quase que para refundá-la sob o signo, não mais da poesia semiótica, formalista, autocentrada, mas sob aquele da “presença”, da tensão entre a finitude e o ser, da restauração do sentido. Tal releitura de Baudelaire parece representar, dessa forma, o surgimento de uma nova via moderna que vem sendo cada vez mais explorada por poetas tão diferentes como Jean-Michel Maulpoix e Philippe Jacottet, para citar apenas dois nomes que poderiam ser colocados do mesmo “lado” de Bonnefoy no debate atual.

Escrevendo a princípio como crítico literário e especialista de Baudelaire, Yves Bonnefoy não hesita em acusar o século XX de se “enclausurar novamente na abstração” e em denunciar, no parágrafo final do texto de abertura da coletânea, os perigos desse espaço onde tudo se reduz à ficção. “Não saberemos mais nos defender das ideologias; a grande palavra, aquela que faz da vida um lugar de aliança entre, primeiramente, presenças, será vítima, mais uma vez”. (BONNEFOY, 2014, p. 16) Como não enxergar no tom apocalíptico e combativo dessas linhas o *parti pris* de uma causa poética, muito mais, talvez, que a avaliação fria de um crítico qualquer?

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

COMPAGNON, Antoine. *Baudelaire: l'irréductible*. Paris: Flammarion, 2014.

COMPAGNON, Antoine. *Les cinq paradoxes de la modernité*. Paris: Seuil, 1990.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

KAPLAN, Edward. *Baudelaire et le spleen de Paris: l'esthétique, l'éthique et le religieux*. Paris: Classiques Garnier, 2015.